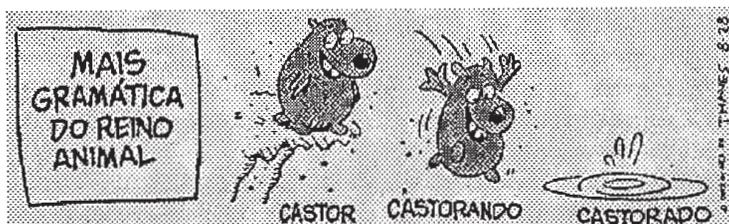


## RAÍZES NÃO FINITAS NA CRIANÇA E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

MARY A. KATO  
(UNICAMP)



### INTRODUÇÃO

A escola linguística chomskiana vem tentando resolver o problema “lógico” da aquisição das línguas, através de um modelo que dê conta do estado inicial (Gramática Universal-GU) e do estado terminal da aquisição de uma língua (Língua-I)<sup>2</sup>. Foi, porém, apenas recentemente que se voltou a atenção para o problema da aquisição em tempo real, através do modelo de Princípios e Parâmetros<sup>3</sup>.

Duas tendências principais podem ser identificadas no desenvolvimento desses estudos: a) a que postula uma fase pré-sintática (Felix, 1987, Bickerton, 1990, entre outros) e b) a que advoga que desde o início a criança apresenta uma estrutura sintática que se conforma com os princípios que regem a gramática do adulto (Hyams, 1986; Clahzen, 1989, entre outros). Há ainda, dentro das duas tendências, os que advogam que a sequência de desenvolvimento se explica dentro de uma visão maturacional dos princípios (Wexler e Borer, 1987) e outros que atribuem as mesmas sequências à aquisição do vocabulário funcional<sup>4</sup> (Radford, 1986, 1990, Guilfoyle & Noonan, 1988), através do qual a criança fixaria a gramática de sua língua. Estes

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no Seminário de Aquisição da Linguagem, na UNICAMP, em mesa-redonda, coordenada pela autora do presente trabalho, sobre a Visão de chomskiana de Princípios e Parâmetros, com a participação de Charlotte Galves (UNICAMP) e Michael Dillinger (UFMG), em 1993.

<sup>2</sup> O conceito de Língua-I em Chomsky significa intensional e interna, correspondendo à velha noção de competência, opondo-se à de Língua-E, externa e extensional.

<sup>3</sup> As linhas gerais do que essa teoria tem a dizer sobre aquisição está a cargo da Prof<sup>a</sup> Charlotte Galves.

<sup>4</sup> Vocabulário funcional, ou gramatical, que inclui palavras de classes gramaticais vs lexicais e morfemas afixais. Quanto às características dessas classes, vide Ouhala (1990).

últimos, pode se dizer, baseiam-se na hipótese de que a sintaxe particular de cada língua é determinada pela sua morfologia e léxico funcional (classes fechadas de palavras). A variação paramétrica possível seria então uma função da variação no vocabulário funcional de cada língua.

Uma sequência sem palavras funcionais e sem flexão, tratada por pesquisadores como Bickerton como similares a construções “pidgin”, tem sido vista por outros (Radford, 1990, Lebeaux, 1990, Guilfoyle and Noonan, 1988, Tsimpli, 1991) como formas sintáticas de natureza léxico-temática, uma subparte da estrutura-P do adulto. Seria a tese de que crianças pequenas falam através de orações pequenas (mini-orações).

Neste trabalho, endosso a tese de que a fixação da gramática se dá via aquisição do vocabulário funcional. Contudo, para o estágio em que a criança é capaz de produzir sequências de duas palavras, juntando (“merging”) um argumento a um verbo em forma não-finita, tratada pelos autores como pré-funcional, ou léxico-temática, minha posição será de que ela terá praticamente a estrutura clausal mínima de uma adulto em qualquer língua<sup>5</sup>.

Minha posição deriva da adoção do princípio de Stowell (1991), segundo o qual, predicados precisam ser regidos por um núcleo funcional. Supondo que Nomes, Adjetivos e Verbos sejam predicados, afirmar que não há categorias funcionais, nessa fase, é dizer que as seqüências emitidas nessa fase inicial são conjuntos de predicados, e que, portanto, nem os argumentos e nem a construção em que aparecem têm referência. Proponho, ao contrário, que as mesmas emissões consideradas como pré-funcionais pelos que advogam a fase da “mini-oração” têm, na verdade, uma estrutura sintática bem mais complexa e que elas se referem a entidades e eventos.

Na primeira parte do trabalho faço uma descrição simplificada das regularidades inter-linguísticas na fase de dois vocábulos, em que uma das palavras é um verbo em sua forma não finita e também das variações interlinguísticas que parecem ocorrer nesse tipo de construção e nas eventuais ocorrências de formas finitas. Na segunda parte do trabalho proponho uma representação sintática para os enunciados raízes não-finitos e finitos dessa fase. Na terceira parte analiso os dados de uma criança brasileira (Rachel)<sup>6</sup>, na sua passagem da fase não-finita para a fase da sentença finita plena, e proponho uma representação distinta para essa fase.

## A FASE DA CONSTRUÇÃO NÃO-FINITA

A comparação interlinguística dos dados de aquisição, em sua fase inicial, mostra semelhanças sintáticas significativas entre as línguas<sup>7</sup>. Rapidamente essas

---

<sup>5</sup> Não excluo, tampouco, a possibilidade de tratar outras sequências, sem verbo, como passíveis de serem tratadas como não estritamente léxico-temáticas.

<sup>6</sup> Os dados de Rachel pertencem ao banco de dados do Projeto de Aquisição da UNICAMP-IEL, coordenado por Cláudia Lemos.

<sup>7</sup> Os dados utilizados são de pesquisadores, cuja coleta foi feita por eles mesmos, ou são dados reinterpretados por outros autores, caso em que colocarei “apud”. São eles: Bowerman (1973), Radford

gramáticas se tornam altamente diferenciadas, adquirindo a forma particular de cada língua.

As semelhanças detectadas são as seguintes:

- a. afixação “categorialmente” correta: não há erros do tipo “comendos”, “doored”. “poupant”.
- b. preponderância de formas verbais não finitas: infinitivas, gerundivas e participiais;
- c. verbos saturados por argumentos lexicais ou nulos independentemente da língua-meta ser de sujeito nulo ou de objeto nulo;
- d. uso de nomes próprios como argumentos para referir-se à criança, ao adulto interlocutor ou a uma terceira pessoa ou objeto; e ordem aparentemente livre.

### 2.1. sentenças não-finitas com argumentos nulos ou preenchidos

-infinitivo

(1)

- a. Go nursery... Lucy go nursery.
- b. peigner tout seul Philippe.
- c. Michel dormir la.
- d. Thorstn das haben
- e. buch angucken
- e. a passá
- f. a poi colai bumbum
- g. Anche io giocae
- h. Gabriele mangiae

- gerundivo (“-ing”)

(2)

- a. ... Coming to rubbish.
- b. Bee going window.
- c. bincando na areia
- d. zogando bola

- participial (“-ed”)

(3)

- a. Daddy gone
- b. Wayne taken bubble
- c. Visto mao
- d. Porta chiusa

---

(1990) para o inglês; Lightbown (1977), apud Tsimpli; Pierce (1989), apud Rizzi (1994); Wexler (1994) Clahzen & Penke (1994) para o alemão; Tsimpli (1991) para o grego; Schaefer (1990), apud Hyams (1994) para o holandês.

c. habe auch autofahrn (have also car-drive)

## 2.2. Inexistência de formas não-finitas com auxiliar (Rizzi, 1994):

(4)

- a. \*avoir mangé
- b. \*être venu
- c. \*gekauft haben
- d. \*(es)tar comendo
- e. \* ir pegar

O exemplo (3)e. do alemão parece contradizer a observação de Rizzi.

## 2.3. Ordem VS (além de SV)

(5)

- a. see Kendall
- b. ride boat man
- c. dormir bebe
- d. vider la terre moi
- e. caiu popo

## 2.4. Nomes próprios ou nomes comuns usados como nomes próprios

(6)

- a. Bethan sit down. (+falante)
- b. Want [mummy do]. (+interlocutor)
- c. Pig go in. (-falante, -interlocutor)
- d. Michel dormir la (+falante)
- e. mets le manteau maman (+interlocutor)
- f. tracteur casser maison (-falante, -interlocutor)

Ao lado dessas similaridades, contudo, podem-se detectar algumas variações:

- a) algumas línguas apresentam, ao lado das formas não finitas, ou o presente simples (ex. francês, alemão, grego) ou o passado simples (português). O grego apresenta o presente, conforme Tsimpli (1991), mas com violação de concordância. O mesmo parece se verificar no alemão, pois Clahzen et alii (1994) consideram concordância sujeito-verbo adquirida para acerto de 90%. Assim como ocorre com o passado no português, o presente que ocorre nessas línguas, na fase preponderantemente não-finita é na forma não-marcada de terceira pessoa.

(7) presente

- a. veux pas lolo.

- b. Elle roule pas.
- c. da ni fährt (there not drives)
- d. Mauschen da reinklettert. (little mouse there climbs in)
- e. pji ato ego (drink-3s this I = I will drink this)
- f. ze figi, mama (not go-3s mummy= don't go Mummy)
- c. miizi katses (smell-3s socks = the socks smell)”

(8) passado

- d. caiu popô.
- e. teló.

(9) imperativo

- a. open door, Mummy
- b. passa

- b) não há aparentemente sentenças com formas gerundivas no francês, no alemão e no italiano; e não aparecem construções com formas no particípio passado no português brasileiro; a forma infinitiva parece ser a forma mais bem distribuída.
- c) não há sentença infinitiva sem sujeito no italiano, uma língua do parâmetro do sujeito nulo (Rizzi, 1994)<sup>8</sup>.

As hipóteses teóricas e os dados translinguísticos acima levantam as seguintes questões:

- a) quais são as categorias funcionais que dão estatuto sintático às construções acima?
- b) por que há variação nas formas não-finitas e finitas?
- b) qual o estatuto do sujeito vazio nas construções acima?(7)
- c) Se os nomes próprios são argumentos, o que lhes dá estatuto referencial, e como seu caso é verificado?
- d) o que explica a variação de ordem SV e VS?

Em fim, quanta estrutura podemos supor nessas construções?

### 3. A REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DAS CONSTRUÇÕES NÃO-FINITAS

#### 3.1. Estrutura infantil como sub-parte da estrutura do adulto

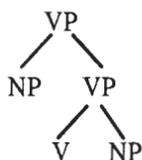
Tomemos inicialmente a proposta de Tsimpli (1992), uma das proponentes da hipótese léxico-temática, para a fase não-finita, que supõe não haver categorias não-

---

<sup>8</sup> Não entrei em discussão sobre essa peculiaridade e remeto o leitor ao texto de Rizzi.

funcionais nessa fase. A estrutura clausal da criança seria um VP, com o sujeito em adjunção ao VP e não na posição de Especificador (SPEC):

Fig. I



Como suas crianças apresentam violação de concordância, o sujeito não pode estar em relação de Especificador-Núcleo. Estando em adjunção, explica-se a sua variação posicional. O estatuto do sujeito nulo é de um PRO). Os verbos aparecem com seus sufixos não-finitos inanalizados como núcleos de VP.

Ora, os elementos em adjunção que se ligam a papéis temáticos do verbo podem-se adjungir, ou por movimento, caso em que deixam vestígio, ou como elementos tópicos, caso em que são coreferentes a um pronome que satura o verbo internamente, na posição de base. Se a concordância é violada, nem mesmo ela pode atuar como elemento saturador do argumento externo.

Rizzi propõe que a criança tenha no início uma restrição quanto a o que seja uma sentença raiz, isto é, de que CP=sentença principal. Prediz, através disso, a inexistência de movimento de verbo, de negação e perguntas-Q. Contudo, dados translinguísticos mostram a existência de perguntas-Q, principalmente nas línguas germânicas. Rizzi admite, porém, um percurso definido de aquisição das projeções superiores.

Clahzen (1994) advoga uma forte abordagem lexicalita-morfológica, segundo a qual, é pela aprendizagem de categorias funcionais que a criança acrescenta novas projeções às existentes, numa formulação que converge para a visão de estrutura proposta em Chomsky (1993).

### 3.2. A tese da categoria funcional não-especificada

Wexler (1992) e Hyams (1993) postulam uma estrutura plena para a criança. Wexler explica a fase não finita, através de princípios de economia, usando a visão minimalista. O nóculo finito T, sendo forte, exige movimento antes de “spell-out” em FF, enquanto o núcleo [-finito] é fraco e só é checado em FL (Forma Lógica). Logo pelo princípio da Procrastinação (“Retarde o que puder retardar”) a criança começa pelo que é sintaticamente menos custoso: as formas não-finitas. A criança deixa de movimentar o que quer que seja, quando pode.

Para Hyams (1993) a projeção funcional pode estar presente, mesmo que sub-especificada. As Figs Ia. e Ib. mostram a diferença entre a gramática da criança e do adulto, respectivamente, proposta que pretende explicar também a ausência do sujeito.

Fig. IIa.

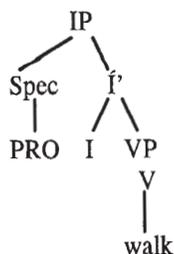
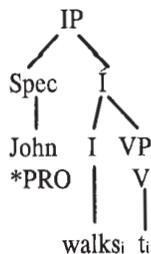


Fig. IIb.



Para Hyams, tanto I quanto D são sub-especificados sendo interpretados por “default”, pelo contexto pragmático.

### 3.2. Uma proposta alternativa

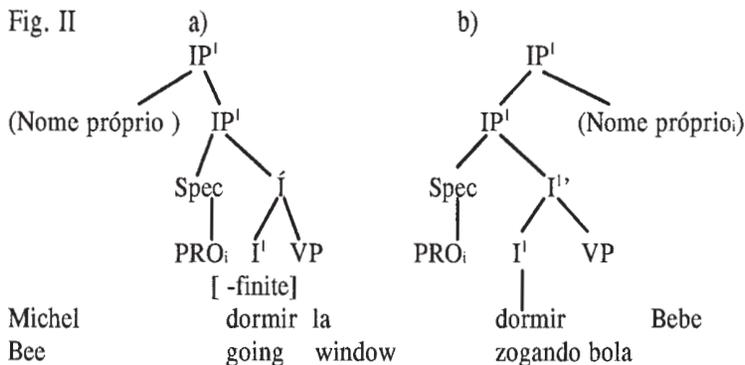
Como em todas as disputas científicas, a impressão que se tem é que todos estão com um pedaço da verdade, mas também todos deixam alguma coisa irrespondida. Assim, Rizzi, não explica a natureza da restrição da criança quanto ao que seja uma sentença raiz. O que para ela é uma sentença raiz possível? A abordagem morfológica de Clahzen, em sua forma mais radical, não explica porque a criança não começa a montar a estrutura de cima para baixo, por exemplo. Wexler não explica porque formas finitas em línguas que não têm movimento de V para I, em formas finitas, como o inglês, apresentam menos formas finitas do que o italiano ou o francês, assumidamente línguas que tem tal movimento. Finalmente, Hyams, que traz uma boa argumentação sobre a leitura dos núcleos sub-especificados, não explica por que podemos ter nomes como sujeito na estrutura da criança e por que encontramos ordem SV ou VS nessa fase.

A hipótese teórica assumida aqui é a da competência mínima para esta fase, isto é, uma estrutura derivada do que é comum nas línguas. A projeção AGRSP ou AGROP, correspondentes à concordância encontram-se ausentes nessa fase pelo fato de que nem toda língua possui concordância.

Começaremos propondo que os sufixos não finitos são núcleos independentes com projeção própria. Nesse caso, podemos ter duas alternativas sobre o estatuto desses núcleos: a) são núcleos funcionais, b) são núcleos lexicais.

Consideremos inicialmente a hipótese de que o afixo não-finito seja um núcleo funcional flexional I e que, dentro da concepção de Chomsky e Lasnik (no prelo) ele seja capaz de atribuir um caso mínimo, ou caso nulo a um PRO no seu Especificador. Sendo PRO um pronome, ele pode ser co-indexado a um DP em posição deslocada, à esquerda ou à direita, podendo também não aparecer.

Fig. II



Na visão teórica que assumimos, a da competência mínima, tal estrutura é parte de uma estrutura maior, na qual ela aparece em relação de complemento de um núcleo superior, que supomos seja um verbo do tipo Auxiliar. Uma vez que a criança contrasta formas não-finitas, claramente com intenção de expressar aspecto ou modalidade<sup>9</sup> e que essas formas não finitas aparecem associadas às formas finitas na sintaxe vertical de perguntas e respostas através do Auxiliar, podemos supor que elas existem no léxico da criança, pelo menos em termos dos traços sintáticos e semânticos, mas ainda sem uma matriz fonológica clara, dado que esta depende da morfologia de tempo e pessoa.

Conceitualmente, portanto, ao apresentar o contraste de formas não finitas, e o Auxiliar em respostas curtas, a criança parece conhecer o que esses Auxiliares pedem. Note-se que cada Auxiliar seleciona o tipo de forma não-finita. No português, temos:

ir	+	infinitivo
ter	+	particípio
estar	+	gerúndio

A criança pode deixar o objeto vazio, mas, quando o preenche, mostra claramente que sabe que há uma restrição do que pode ser projetado como objeto. O mesmo se dá em relação ao sujeito. Minha hipótese aqui é que, embora não preenchido, o núcleo M/Asp tem traços gramaticais bem definidos. Ora, todas as três formas não finitas são categorialmente verbais quando inanalizadas. Mas a segmentação do sufixo não finito, torna a coisa diferente.

O infinitivo tem sido tratado na gramática tradicional como um Nominal. Raposo (1986) usa essa concepção para complementos infinitivos, tratando-os como projeções de [-V, +N], isto é, como nomes. Nunes (ms) estende essa análise para o inglês, propondo um morfema nulo de infinitivo equivalente ao sufixo "-an" do inglês antigo, o que me leva a crer que sua análise é generalizável para outras línguas. Nunes levanta a hipótese de encontrar outras projeções "funcionais" a partir de outros traços lexicais. O particípio em muitas línguas apresenta concordância com o nome

<sup>9</sup> Consideramos Aspecto/Modo uma categoria lexical codificada por aquilo que se convencionou chamar Auxiliar. "Querer" será considerado verbo modal, pelo menos para essa fase da criança.

objeto, característica de adjetivo<sup>10</sup>. O gerúndio, por outro lado, poderia ser tratado como [-V, -NI, caracterizável como um predicado de cena (“stage level” predicate), ao lado de preposições. Veja a plausibilidade dessa abordagem nos pares abaixo:

- (8) a. Estou cantando                      b. Estou a cantar.  
a. I am working.                        b. I am at work<sup>11</sup>

Os auxiliares modais e aspectuais que proveem as formas perifrásticas podem ser tratados como verbos leves que selecionam projeções desse tipo, a saber, aqueles cujos núcleos têm sufixos do tipo derivacional, que contêm traços categoriais de classes lexicais e têm as mesmas exigências gramaticais destas, como por exemplo, necessidade de projetar, caso no caso do infinitivo<sup>12</sup>.

Para Raposo, caso é conferido pelo verbo superior à oração infinitiva como um todo, daí percolando para o seu núcleo, e podendo esse caso ser transmitido ao seu SPEC, por concordância com os sufixos “-do” e “-ndo”, selecionados por “ter” e “estar”, respectivamente, não são nomes, parece ser mais interessante adotar aqui a proposta mais geral de Chomsky e Lasnik (no prelo) do caso mínimo nulo conferido a PRO pelos núcleos não-finitos<sup>13</sup>.

Considerando que o Auxiliar, por sua vez, é selecionado pelo Tempo/Agr, o que temos, simplificadamente, é a seguinte cadeia de seleção, prevista já em Chomsky (1957), apenas concebida no interior do núcleo Auxiliar:

---

<sup>10</sup> Nunes (1994) propõe que o participio passado seja um afixo nominal que recebe caso do auxiliar tipo “have”, nos moldes do sufixo infinitivo. O afixo do auxiliar “ter”, porém, não tem papel- $\theta$ , sendo esse um caso que justifica para Nunes separar exigência de caso em Forma Fonética, de exigência de caso em Forma Lógica. Apesar dos fortes argumentos dados por Nunes, mantereí os traços adjetivais do participio. Considerando que o adjetivo é considerado tradicionalmente como um nominal, mas que difere justamente do Nome por não ter papel- $\theta$ , e que em muitas línguas românicas, e também no português antigo, o participio se comporta como um adjetivo, mantereí aqui a oposição entre a seleção do auxiliar “ter” contra a de “ir”. Isso não invalida a proposta interessantíssima de Nunes de bipartir caso como condições distintas nas duas interfaces. Um dado que pode ser usado no lugar do participio passado seria o expletivo em complementos oracionais no inglês, em sentenças como: I believe it that John is my friend.

<sup>11</sup> Esta relação é feita no inglês por John Robert Ross em um de seus trabalhos, possivelmente “Auxiliaries as main verbs”.

<sup>12</sup> O participio deveria, a rigor, apresentar concordância, mas a perda da forma “ter + NP + participio” deve ter favorecido a perda de concordância como ocorre nas reduzidas: Feito as compras, em lugar de As compras feitas (\*As compras feita).

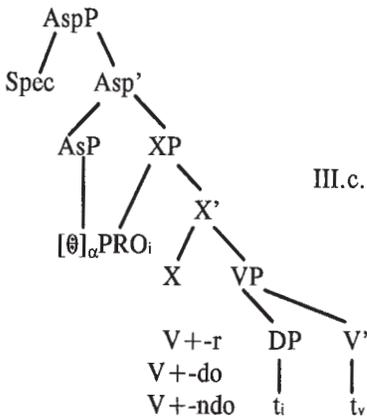
<sup>13</sup> V. Dissertação de mestrado de Helena Brito (1994), para uma discussão do caso do sujeito em orações reduzidas gerundivas.

Chomsky (1957): [T + Have-en + Be-ing] + V

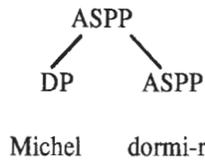
Te/Agr →	Auxiliar →	sufixo não-finito →	radical de V ou outro Aux
pres	ir	[-V, +N] = -r	come-/te-
	querer		
	(vai comer/ vai ter)		
pass	te(r)	[+V, +N] = -do	come-/esta-
		(tinha comido/ tinha estado)	
Pres	esta(r)	[-V, -N] = -ndo	come-
		(está comendo / está a comer)	

A representação, no caso seria bem mais complexa do que na Fig II. Consideramos os auxiliares genericamente como núcleos aspectuais/modais, funcionais por constituírem uma classe fechada, e impessoais, pois seu sujeito superficial é sempre o argumento externo do verbo que nasce dentro do VP. Chamando o núcleo Modo/Aspectual de ASP, temos:

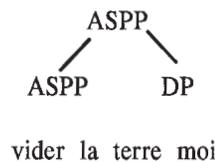
Fig III.a.



III.b.



III.c.



Podemos, como primeira hipótese, supor que a estrutura da fase não-finita está na Fig III, o que pressupõe um movimento mínimo de V para X e do Spec de VP para Spec de XP, onde PRO pode receber caso nulo. Veremos na seção seguinte que ainda nessa fase essa não é a estrutura toda.

#### 4. DE FORMAS NÃO-FINITAS PARA FORMAS FINITAS

Na fase posterior M/ASP pode vir preenchido por um Auxiliar, mas como vimos, só parece haver ocorrência de Auxiliares quando aparece a flexão finita (com exceção do alemão). As primeiras ocorrências, contudo, são em contextos elípticos de resposta curta e apresentam violação de concordância, com exceção de casos em que a mera repetição assegura a resposta esperada.

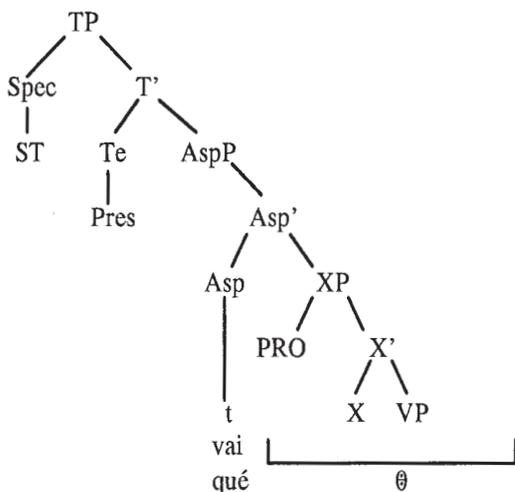
- 9) M: Vamos ver se a gente acha a cabeça?  
R: Vão. (R.1;8.25)
- 10) a. M: Você quer?  
R: Qué. (R.1;8)
- b. M: Ah, cê vay por na caixinha  
R: ?ay.
- c. M: Onde cê vai? Vai na escola?  
R: Vai. (R.1;9.8)

Esses exemplos mostram que, essas crianças têm o conceito referente a esses traços e podem enunciá-lo, em forma finita, isoladamente em respostas curtas, da mesma forma que repetem algum outro elemento focalizado na pergunta. Poderíamos dizer que esse Auxiliar que aparece apenas em respostas subiu para T(empo)? O que podemos dizer é que esse tipo de Auxiliar em resposta curta, que envolve uma confirmação de valor-verdade deve estar em T, pelo menos em forma lógica, já que é T o responsável pelo valor-verdade de uma sentença.

Mas se a criança não apresenta contraste temporal, como podemos postular um nódulo temporal? Suponhamos, porém, que a criança conte, no início, apenas com a noção Reichenbachiana de Tempo do Ato de Fala (Speech Act Time (ST), sem ainda contar com o tempo do Evento (ET) e que o Tempo de Referência, na criança seja sempre coincidente com o ST. Teremos um TP com um núcleo 'default' Presente, que concorda com um SPEC preenchido por ST (Stowell, ms).

Há, porém, muita ocorrência ainda de sentenças não-finitas, em contexto de declarativas que não são respostas, o que me leva a propor para esse tipo de ocorrência a representação na Fig IV, na qual Spec de TP é Tempo do Ato de Fala, havendo concordância entre Spec e T:

Fig IV.a.



O que podemos nos perguntar aqui, é por que há essa coincidência entre aquisição de flexão finita e de Auxiliar. Novamente, Raposo (1986) nos dá a resposta, restrita ao problema do infinitivo, mas que pode ser estendida para os outros aspectos.

Raposo diz que o infinitivo deve estar necessariamente sob o escopo do Tempo (T).

- 11) \* Os homens amarem as mulheres  
 the men love\_Agr the women

Generalizando, o núcleo Aspectual deve estar no escopo do Tempo. Seria esse T 'default' que licenciaria o núcleo aspectual na criança. A raiz dependente nada mais seria do que uma subordinada dependente do Tempo do Ato de Fala.

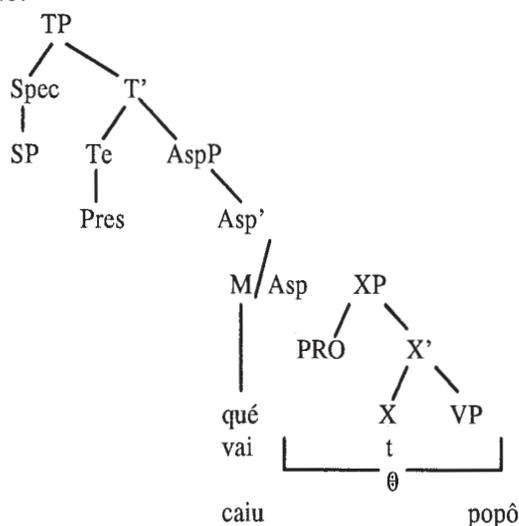
Presumo ainda que, enquanto a criança não apresentar o contraste presente/passado, os casos de formas finitas no presente, sem concordância, em respostas curtas, ou as formas acasionais de passado simples sejam analisados como um sufixo não-finito, proposta encontrada em outros estudos. De qualquer forma, o fato de terem referência definida me leva a propor que essas formas estejam sob o escopo de Tempo.

Isso não quer dizer que crianças falantes de qualquer língua tenham a forma finita sempre em posição baixa. Línguas em que a morfologia negativa ou a posição dos clíticos mostra claramente onde está o verbo exigem que a criança enxergue a sua língua como tendo movimento de V em sintaxe (v. por exemplo Meisel e Miller (1992) para o alemão).

O não aparecimento de raízes não finitas com auxiliar adviria do fato de que quando ele se manifesta, está necessariamente sob o escopo de T, e este checa os traço de finitude do Auxiliar ou verbo, seja na sintaxe, seja na Forma Lógica. É de se

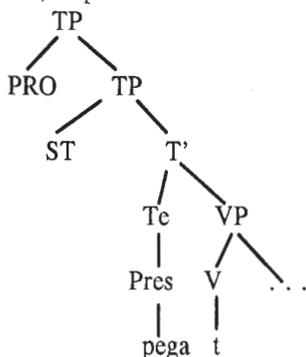
esperar, pelo Princípio da Procrastinação, que essa verificação se dê em forma lógica.

Fig. IV.b.



Podemos propor, contudo, que o TP superior não é totalmente inerte nessa fase, sendo sua única manifestação lexical a forma imperativa comum nessa fase, e que tem, por definição, uma natureza dêitico/ilocucionária, não apresentando contraste presente/passado e cujo sujeito é sempre a segunda pessoa. O pronome PRO, por definição tem um controle externo quando não tem antecedente sentencial. As imperativas nunca ocorrem com auxiliares, o que nos faz supor que, pelo princípio de economia, o núcleo M/Asp não seja projetado.

Fig. V ; Imperativo



Quase que simultaneamente, porém, começa a aparecer a primeira pessoa, em resposta a perguntas feitas em terceira:

12)

- a. M: Vai pô na boneca?  
 R: Vô.  
 b. M: cê conta?  
 R: Conto. (R.1;9.8)

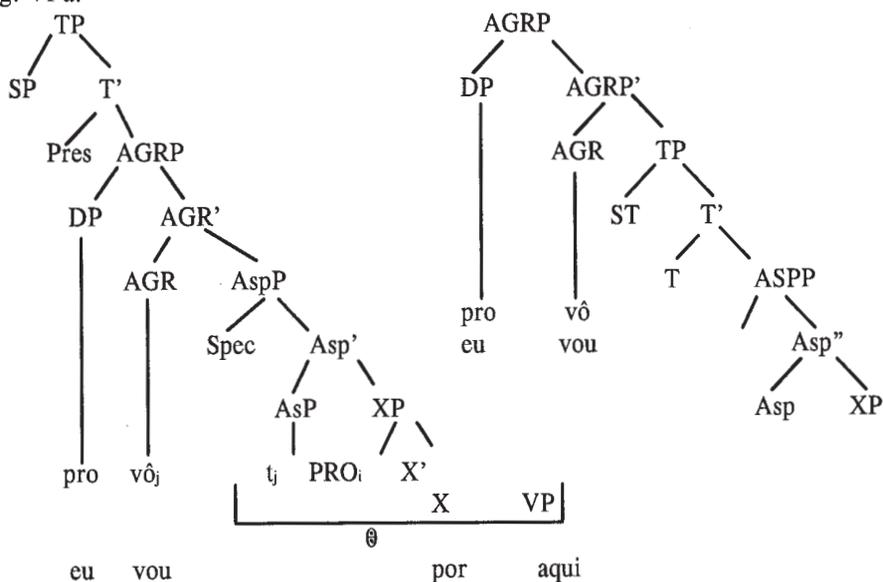
A consciência da flexão finita como um elemento cumulativo da concordância, entretanto, parece ser um pouco posterior, pois a co-ocorrência do pronome com o morfema de concordância não aparece de imediato:

13)

- a. R: Eu vou por, vou por aqui.  
 b. R: Eu vou jogá.  
 c. R: Agora eu vou feçá. (R.1;10.23)

Podemos considerar o acréscimo de AGRP como resultado de uma fixação paramétrica já que nem toda língua possui morfologia de concordância. Onde o nóculo se encaixa é uma questão teórica que não vamos debater aqui.

Fig. VI a.



## 5. A VARIAÇÃO NAS FORMAS NÃO FINITAS E FINITAS

Embora o inglês não tenha um sistema flexional uniforme, ele conta com um paradigma aspectual uniforme, a saber, o progressivo perifrástico (is sleeping), para

evento em progresso no momento do ST; o perfectivo perifrástico (has broken), para evento realizado no momento do ST; e o futuro perifrástico (will sleep, is going to sleep) para a predição de um evento. Outras línguas usam formas sintéticas a) para aspecto progressivo (Alemão: Papa schonen wassen); ou b) para o perfectivo (Português: caiu popô) ou ainda para o futuro (Francês: Michel va dormir). A criança colocaria as formas sintéticas na posição do núcleo Aspectual, como as línguas que dispõem de Auxiliar para esses casos, dando a essas formas a possibilidade de uma leitura progressiva ou resultativa (está caído). Nos dois casos, a seleção é de um estado (predicado de cena). Os morfemas de presente e passado teriam, nessas línguas duas funções: a) temporal e aspectual. O italiano, contudo, parece exigir uma subida mais precoce do verbo principal, que parece funcionar como o Auxiliar em outras línguas<sup>14</sup>.

Finalmente, é com a aquisição da morfologia de pessoa (AGR) que Tempo, em seu uso pleno parece ser adquirido. Isso não significa que o processo seja universal, uma vez que nem toda língua apresenta concordância de pessoa e número, mas, nas línguas flexivas, nas quais um mesmo segmento pode codificar Aspecto, Tempo e Concordância, a produção das formas temporais distintivas é ancorada na morfologia de concordância, o que explica porque quando a criança consegue analisar o morfema de pessoa, processo visível pela redundância pronominal, ela passa a exibir o contraste temporal. A partir daí, temos uma estrutura completa de uma língua que projeta um TP cujo núcleo pode ser Pres ou Pass<sup>15</sup>.

(14)

- a. pro vô
- b. eu vô joga- -r aqui
- c. eu queilo corta- -r este aqui
- d. pro desliguei
- e. já cunzinei
- f. eti gatu tá pula- -ndo.

## 5. A variação de ordem SV/VS

A ordem aparente SV/VS é proposta como um fenômeno livre de adjunção a TP desde o início, com o pronome em Spec de XP, no início, como seu resuntivo. Com o desenvolvimento pleno da concordância e do contraste temporal, o pronome interno deixa de ser PRO para ser pro ou um pronome pleno.

- 15) a. [<sub>TP</sub>Baby<sub>i</sub> [.....PRO<sub>i</sub> talking.....] ]
- c. [<sub>TP</sub>Adam<sub>i</sub> [he<sub>i</sub> is laughing ] ]

<sup>14</sup> Veja tese de Rizzi (1994) sobre o assunto.

<sup>15</sup> Apesar do Tempo estar plenamente especificado, ainda assim, o Português do Brasil parece optar pela Procrastinação em AGRSP, deixando o movimento ulterior do V+AGR para a FL. O fato de não subir para T em sintaxe impede outros movimentos do verbo cujo efeito é a inversão VS (Kato, em prep).

- d. [TPPopô: [..... [AspP PRO: caiu... ] ]
- e. [TPA chupeta [ o nenê pegou proi ]

A forma acusativa do pronome que aparece nessa fase é exatamente a forma que o adulto usa para tópicos:

- 16) a. Me got bean. \*I got bean
  - b. Me show mummy.
  - c. Him gone. \*He gone
  - d. Her climbing ladder. \*She climbing...
  - e. vider la terre moi \*vider la terre je.
- 17) a. Me, I love beans!
  - b. Moi, je t'aime.

Além disso a frequência de deslocamento à direita na produção da criança francesa apenas reflete o que se passa no francês cotidiano.

- (17) a. pas manger la poupee VS
- b. tomber papa VS
- c. dormir bebe VS
- d. mets le manteau maman VO
- e. fait du bruit la voiture VPPS

Tsimpli levanta essa hipótese. com exemplo de adulto francês, mas não persegue a idéia.

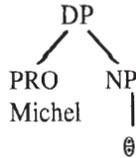
- (18)) a. Il a mangé son repas, Jean?
- b. Elle est amoureuse de Pierre, Marie.

O trabalho comparativo quantitativo poderia ser importante em explicar esses casos de variação na fala da criança.

#### 4. O nome próprio

Quanto à questão do nome próprio, a proposta aqui é de que ele é, justamente com PRO, um proto-determinante. Assim como os pronomes têm apenas referência e nenhum conteúdo descritivo, nomes próprios referem-se a indivíduos únicos no universo do discurso. Presumo, ainda, que inicialmente a criança use muitos nomes comuns como nomes próprios e que o aparecimento de demonstrativos e indefinidos como “outro” e “este” são evidência da consciência de que há conjuntos de objetos definíveis por um mesmo nome. Assim, em relação às categorias funcionais nominais, isto é, determinantes, podemos dizer que elas existem já na fase não-finita: são elas o PRO e o nome próprio:

Fig. VII



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui apresentada, vai contra a linha que propõe uma fase pré-funcional, mesmo para a fase em que as emissões da criança apresentam preponderantemente formas não finitas. Na verdade, a única projeção que não foi proposta aqui foi o CP. O fato, porém, de que a criança, na fase não finita, compreende as perguntas tanto do tipo sim/não, como também do tipo-Q, me faz supor que CP já é representado na Forma Lógica, embora ela não tenha ainda os mecanismos de “spell-out” na Forma Fonética.

Para finalizar, podemos dizer que, assim como a criança, os sintaticistas vêm descobrindo a quantidade e o estatuto das categorias funcionais, na representação da estrutura oracional. Mas, enquanto o modelo do adulto postula tais categorias funcionais como nódulos de verificação de traços, para a criança são o resultado de análise (parsing) do input contra conceitos abstratos que ela já parece possuir. O linguista apenas traz ao nível metacognitivo o desenvolvimento desse saber inconsciente da criança.

## REFERENCES

- BICKERTON, D. **Language and Species**. Chicago: University of Chicago Press. 1990.
- BORER and K. Wexler. *The maturation of syntax*. In: T. Roeper and E. Williams (eds) **Parameter Setting**. Dordrecht: Foris. 1987.
- BOWERMAN, M. **Early Syntactic Development**. Cambridge: Cambridge U. Press. 1973.
- CLAHSEN, H. Constraints on parameter setting. ms. 1989.
- CLAHSEN, H. & S. Eisenbeiss & M. Penke. Underspecified phrase structure positions and lexical learning in early child grammars. ms. 1994.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Haia: Mouton. 1957.
- \_\_\_\_\_. *Some notes on economy of derivation and representation*. In I. Laka and A. Mahajan (eds.) **MIT Working Papers in Linguistics** n. 10. 1988.
- \_\_\_\_\_. *A minimalist program for linguistic theory*. **MIT Occasional papers in Linguistics, I**. 1992.
- \_\_\_\_\_. Bare phrase structures. MIT, ms. 1993.
- FELIX, S. **Cognition and Language Growth**. Dordrecht: Foris. 1987.
- GUILFOYLE, E. & M. Noonan. Functional categories and language acquisition. Paper presented to Boston University Conference on Language Acquisition. 1988.

- HYAMS, N. **Language Acquisition and the Theory of Parameters**. Dordrecht: Foris. 1986.  
 \_\_\_\_\_. The underspecification of functional categories in early grammar. Talk presented at GALA. Bangor. 1994.
- KATO, M.A. *A theory of null object and the development of a Brazilian child grammar*. In: R. Tracy & ..... (eds.) **Now Tolerant is Universal Grammar**. Tübingen: Niemeyer. (no prelo)
- LEBEAUX, D. **Language Acquisition and the Form of the Grammar**. University of Massachusetts: PH.D. Dissertation. 1988.
- MEISEL, J. & N. MILLER. *Finiteness and verb placement in early child grammars*. In J. Meisel (ed.) **The Acquisition of Verb Placement**. Kluwer: Academic Press. 1992.
- NUNES, J. O famigerado SE: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com SE apassivador e SE indeterminador. UNICAMP, dissertação de mestrado. 1990.
- OUHALLA, J. **Functional Heads and Parametric Variation**. London: Routledge. 1990.
- RADFORD, A. *Small children's small clauses*. **Research Papers in Linguistics**, 2:55-76. Bangor: University College of North Wales. 1986.  
 \_\_\_\_\_. **Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax**. Oxford: Basil Blackwell. 1990.
- RIZZI, L. Root infinitives as truncated structures in early grammars. 18th Annual Boston Conference on Language Development. 1994.
- SMITH, C. *The Acquisition of time talk relation between child and grammar*. **J.C.L.**, 17, 1979:263-278.
- STOWELL, T. *Small clause restructuring*. In: R. Freidin (ed.) **Principles and Parameters in Comparative Grammar**. Cambridge, Mass: MIT Press. 1991.  
 \_\_\_\_\_. *Syntax of Tense*. UCLA, ms. 1993.
- TSIMPLI, I-M. **Functional Categories and Maturation: the Prefunctional Stage of Language Acquisition**. University College, London: Ph.D. Dissertation. 1992.
- WEXLER, K. *Optional infinitives, head movement and the economy of derivation in child grammar*. In: D. Lightfoot & N. Hornstein (eds.) **Verb Movement**. Cambridge: Cambridge U. Press. 1992.